Agatha Christie

Um brinde de cianureto

Tradução de Carlos André Moreira

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Capítulo 1

Iris Marle

1

Iris Marle estava pensando em sua irmã, Rosemary.

Por quase um ano, tentara deliberadamente afastá-la de seus pensamentos. Não queria lembrar.

Era doloroso demais... horrível demais!

A face azul, cianótica, os dedos convulsos, apertados em garra...

O contraste entre aquela visão e a Rosemary amável e alegre do dia anterior... Bem, talvez não exatamente *alegre*. Ela pegara uma gripe... ficara deprimida, abatida... Isso havia sido divulgado no inquérito. A própria Iris enfatizara esse dado. Esclarecia o suicídio de Rosemary, não esclarecia?

Uma vez o inquérito concluído, Iris tentara deliberadamente tirar a coisa toda da cabeça. Que bem faria relembrar? Esqueça tudo! Esqueça todo aquele assunto horrível.

Mas tinha de lembrar, percebia agora. Tinha de voltar ao passado... Relembrar com cuidado cada incidente insignificante, mesmo que não parecesse ter importância...

A conversa extraordinária que tivera com George a noite anterior a obrigava a lembrar.

Havia sido tão inesperado, tão assustador. Espere... *Havia* sido inesperado? Não houvera indícios com antecedência? A crescente introspecção de George, seu alheamento, suas ações inexplicáveis... sua... bem, *esquisitice* era a única palavra para aquilo. Tudo apontando para

aquele momento, a noite passada, quando ele a chamou no escritório e tirou as cartas da gaveta da escrivaninha.

E agora não havia como evitar. Tinha de pensar em Rosemary... recordar.

Rosemary... sua irmã.

Com um choque, Iris percebeu, de súbito, que era a primeira vez em sua vida que pensava em Rosemary. Pensava nela, quer dizer, de maneira objetiva, como *pessoa.*

Sempre aceitara Rosemary, sem necessidade de pensar. Você não pensa na mãe ou no pai ou na irmã ou na tia. Eles apenas existem, incontestes, como parentes.

Você não pensa neles como pessoas. Sequer se pergunta o que eles são.

O que fora Rosemary?

Isso poderia ser muito importante agora. Muita coisa dependeria disso. Iris remeteu sua mente outra vez para o passado. Ela e Rosemary crianças...

Rosemary era seis anos mais velha.

II

Vislumbres do passado voltaram... breves lampejos... cenas curtas. Ela, criança, comendo pão e tomando leite, e Rosemary, presunçosa em suas tranças, "fazendo dever de casa" em uma mesa.

O verão no litoral... Iris com inveja de Rosemary, que já era uma "menina crescida" e podia nadar!

Rosemary indo para o colégio interno... e voltando para casa nos feriados. E aí ela própria na escola, e Rosemary terminando os estudos em Paris. Rosemary no colegial: desajeitada, toda braços e pernas. E Rosemary formada voltando de Paris com uma elegância nova estranha e assustadora, voz suave, graciosa, com um talhe ondulante

e altivo, com a cabeleira castanha avermelhada e grandes olhos azuis, orlados de cílios negros. Uma criatura de beleza perturbadora... crescida em um mundo diferente.

Dali em diante elas se viram muito pouco. O intervalo de seis anos entre elas havia se dilatado ao máximo.

Iris ainda estava na escola, Rosemary, no livre curso de uma "estação". Mesmo quando Iris voltava para casa, o abismo entre elas permanecia. A vida de Rosemary era ficar na cama até tarde, almoçar com outras garotas, dançar na maioria das noites da semana. Iris tinha aulas com Mademoiselle, passeava no parque, ceava às nove e dormia às dez. O contato entre as duas irmãs havia se limitado a breves trocas de palavras como:

"Iris, telefone e peça um táxi para mim, por favor. Estou terrivelmente atrasada."

ou

"Não gosto desse seu vestido novo, Rosemary. Não combina com você. Muito rococó e espalhafatoso."

Então houve o noivado de Rosemary com George Barton. Excitação, compras, uma torrente de pacotes, vestidos para as damas de honra.

O casamento. Caminhar pelo corredor da igreja atrás de Rosemary, ouvindo os cochichos:

– Que noiva *linda*...

Por que Rosemary se casara com George? Mesmo naquela época, Iris ficara vagamente surpresa. Havia tantos jovens interessantes... telefonavam, levavam-na para sair. Por que ela escolhera George Barton, quinze anos mais velho, gentil, amável, mas definitivamente maçante?

George era rico, mas não fora por isso. Rosemary tinha seu próprio dinheiro, uma soma considerável.

O dinheiro do tio Paul...

Iris vasculhou sua mente com atenção, procurando discernir entre o que sabia agora e o que descobrira naquela época: tio Paul, por exemplo.

Não era seu tio de verdade, disso sempre soubera. Mesmo que nunca lhe houvessem contado, sabia de alguns fatos. Paul Bennett fora apaixonado pela mãe dela, que preferira um outro homem, mais pobre. Paul aceitara a derrota com um espírito romântico. Permanecera o amigo da família e adotara uma atitude de devoção platônica. Tornara-se o tio Paul e apadrinhara a primogênita, Rosemary. Quando ele morreu, descobriu-se que havia deixado toda sua fortuna para a pequena afilhada, então com treze anos.

Rosemary, além da beleza, tinha também uma herança. E havia casado com o insípido George Barton.

"Por quê?", Iris se perguntara na época. Perguntava-se ainda hoje. Iris não acreditava que Rosemary estivera alguma vez apaixonada por ele. Mas parecia muito feliz e gostava dele... sim, definitivamente gostava dele. Cerca de um ano após o casamento, Iris teve uma boa oportunidade para saber o motivo, quando sua mãe, a amável e delicada Viola Marle, morreu, e Iris, uma jovem de dezessete anos, foi viver com Rosemary e o marido.

Uma jovem de dezessete anos. Iris refletiu sobre o retrato que fazia de si mesma. Como ela era? O que sentira, pensara, vira?

Chegou à conclusão de que aquela jovem Iris Marle fora lenta em seu desenvolvimento – sem refletir, aceitava as coisas como eram. Ressentira-se, por exemplo, da dedicação de sua mãe a Rosemary? De um modo geral, achava que não. Havia aceitado, sem hesitar, o fato de que Rosemary era a importante. Estava longe... era natural que sua mãe se ocupasse, tanto quanto a saúde permitia, com a filha mais velha. Natural o bastante. Sua vez também chegaria. Viola Marle havia sido sempre uma mãe algo distante, muito preocupada com a própria saúde, que relegava as filhas a aias, governantas, professoras, mas invariavelmente encantadora naqueles breves momentos que vinha até elas.

Hector Marle havia morrido quando Iris tinha cinco anos. A consciência de que ele bebia mais do que o recomendável a impregnara de forma tão discreta que não tinha a menor ideia de como a havia realmente adquirido.

A Iris Marle de dezessete anos aceitara a vida como ela havia se apresentado. Pranteara a mãe da forma mais apropriada, vestira roupas pretas e fora morar com a irmã e o marido desta na casa de ambos em Elvaston Square.

Algumas vezes as coisas foram bem enfadonhas naquela casa. Iris não debutaria, oficialmente, até o ano seguinte. Nesse meio-tempo, estudava francês e alemão três vezes por semana e também assistia a aulas de ciências domésticas. Vezes houve em que não tinha nada para fazer e ninguém com quem falar. George era gentil, invariavelmente afetuoso e fraterno. Seu comportamento nunca mudara. Ainda hoje era o mesmo.

E Rosemary? Iris a vira muito pouco. Ela saía com muita frequência. Modistas, coquetéis, jogos de bridge...

O que ela realmente *sabia* sobre Rosemary, agora que se dedicava a pensar nisso? De seus gostos, aspirações, medos? É realmente alarmante o quão pouco se pode saber de uma pessoa mesmo depois de morar com ela na mesma casa! Houvera pouca ou nenhuma intimidade entre as irmãs.

Mas agora ela precisava pensar. Precisava lembrar. Poderia ser importante.

Certamente Rosemary *parecia* bastante feliz...

III

Até aquele dia... uma semana antes de tudo acontecer.

Ela, Iris, nunca se esqueceria daquele dia. Conservara a lembrança clara e cristalina... cada detalhe, cada

palavra. A mesa de mogno brilhante, a cadeira afastada para trás, a característica caligrafia apressada...

Iris fechou os olhos e deixou a cena voltar...

Sua entrada na sala de estar, sua parada súbita.

Aquilo que ela vira a assustara tanto! Rosemary, sentada na escrivaninha, a cabeça caída sobre os braços estendidos, chorando com soluços de um profundo abandono. Nunca havia visto Rosemary chorar antes... e aquele pranto amargo e violento a assustara.

Certo, Rosemary vinha de uma gripe. Havia saído da cama há um ou dois dias. E todo mundo sabe que a gripe deixa o doente deprimido *mesmo*. Ainda assim...

Iris começou a chorar, chocada, e perguntou em sua voz infantil:

– Oh, Rosemary, o que foi?

Rosemary se endireitou na cadeira, afastou os cabelos do rosto descomposto e esforçou-se para reassumir o controle de si mesma. Então disse, rapidamente:

– Não é nada... nada... não me olhe desse jeito!

Ela se levantou e, passando pela irmã, saiu do aposento.

Confusa e preocupada, Iris avançou sala adentro. Seus olhos, impelidos para a mesa de maneira inquisitiva, tiveram um vislumbre de seu próprio nome escrito com a caligrafia da irmã. Então Rosemary estava escrevendo para ela?

Ela se aproximou, olhou para a folha do bloco de papel azul com a característica letra grande e espraiada, ainda mais espalhada que o normal devido à pressa e à agitação da mão que segurava a caneta.

Querida Iris,

Não há razão para eu fazer um testamento porque meu dinheiro irá para você de qualquer jeito, mas gostaria que algumas das minhas coisas fossem dadas para as seguintes pessoas.

Capítulo 1

O visitante inesperado

Conheço pessoas que apreciam atravessar o canal; pessoas que relaxam nas espreguiçadeiras do convés e, na chegada, esperam o barco ser atracado para então reunir seus pertences sem estardalhaço e desembarcar. Quanto a mim, nunca fui capaz disso. Tão logo subo a bordo, sinto que o tempo será curto demais para eu me aquietar ou me concentrar em algo. Fico levando a bagagem para lá e para cá e, se desço ao restaurante, engulo a comida com a sensação de que o barco pode chegar a qualquer momento comigo lá embaixo. Talvez isso seja mera herança das viagens-relâmpago do tempo da guerra, quando parecia questão de extrema relevância garantir um lugar perto da escada e ser um dos primeiros a desembarcar para não desperdiçar os minutos preciosos dos três ou cinco dias de licença.

Nesta manhã de julho em especial, enquanto eu observava junto à amurada os penhascos brancos de Dover se aproximarem cada vez mais, fiquei me perguntando, admirado, como certos passageiros permaneciam calmos nas espreguiçadeiras sem ao menos levantar os olhos para rever sua terra natal. Mas talvez o caso deles fosse diferente do meu. Com certeza, a maioria só havia passado o fim de semana em Paris, enquanto eu estivera um ano e meio numa fazenda na Argentina. Por lá prosperei, e minha mulher e eu desfrutamos da vida livre e tranquila do continente sul-americano; mas foi com um nó na garganta que observei a costa familiar se aproximando cada vez mais.

Eu desembarcara na França dois dias antes, resolvera alguns negócios prementes e agora estava a caminho de Londres. Pretendo ficar lá por alguns meses – tempo suficiente para encontrar velhos amigos e um velho amigo em particular. Um homem pequenino de cabeça oval e olhos verdes: Hercule Poirot! Tenciono pegá-lo totalmente de surpresa. Minha última carta enviada da Argentina não dera nenhuma pista sobre minha viagem (na verdade, eu decidira viajar de última hora, como resultado de certos contratempos comerciais), e passei muitos momentos divertidos imaginando com meus botões sua cara de encanto e de surpresa ao me ver.

Poirot, eu sabia, dificilmente estaria muito longe de seu quartel-general. A época em que suas missões o levavam duma ponta a outra da Inglaterra chegara ao fim. Sua fama se espalhara; agora não permitia mais que uma investigação absorvesse todo o seu tempo. Com o passar dos anos, cada vez mais seu objetivo era ser considerado um "detetive-consultor" – tão especialista quanto um médico da Harley Street. Ele sempre tratava com escárnio a noção popular do sabujo humano que lançava mão de incríveis disfarces para rastrear os criminosos e que parava para medir cada pegada.

– Não, meu caro Hastings – ele costumava dizer –, vamos deixar isso para Giraud e seus amigos. Os métodos de Hercule Poirot são muito particulares. Organização, método e as "pequenas células cinzentas". Sem sair do conforto de nossas poltronas, percebemos coisas que os outros deixam passar e não tiramos conclusões precipitadas como o honrado Japp.

Sim. Era pequeno o risco de encontrar Hercule Poirot longe de sua base. Chegando a Londres, larguei a bagagem no hotel e apanhei um táxi para o antigo endereço. Que lembranças intensas o local suscitou-me! Cumprimentei depressa a antiga senhoria, subi as escadas de dois em dois degraus e bati vivamente à porta de Poirot.

– Pode entrar – gritou lá de dentro uma voz conhecida.

Entrei a passos largos. Poirot me fitou. Carregava uma pequena valise e, ao me ver, deixou-a cair com espalhafato.

– Hastings, *mon ami*! – exclamou. – Hastings, *mon ami*!

Vindo ao meu encontro, envolveu-me num amplo abraço. Nossa conversa foi ilógica e desconexa. Exclamações, perguntas ansiosas, respostas incompletas, recados de minha esposa, explicações sobre a viagem, tudo junto e mesclado.

– Será que tem alguém no meu antigo quarto? – indaguei quando nossa exaltação se acalmou um pouco. – Eu adoraria morar com você aqui outra vez.

O rosto de Poirot mudou numa rapidez surpreendente.

– *Mon Dieu*! Mas que *chance épouvantable*. Dê uma olhada ao redor, meu caro.

Pela primeira vez tomei consciência das coisas à minha volta. Contra a parede havia um enorme baú de estilo pré-histórico. Próximo a ele estavam dispostas algumas valises, arranjadas ordenadamente conforme o tamanho, desde a maior até a menor. A inferência era inequívoca.

– Vai viajar?

– Sim.

– Para onde?

– América do Sul.

– *O quê*?!

– Sim, parece piada, não é? Estou indo para o Rio e todo santo dia repito comigo: não vou contar nada em minhas cartas... Mas ah! Que surpresa o bom Hastings terá ao me ver!

– Mas quando você vai?

Poirot olhou o relógio.

– Daqui a uma hora.

– Ué, não era você que dizia que nunca ia fazer uma travessia transatlântica?

Poirot fechou os olhos e estremeceu.

– Nem me fale, meu caro. Meu médico garantiu-me que ninguém morre disso... e vai ser uma viagem só de ida. Entenda, eu nunca, nunca vou retornar.

Ele me fez sentar numa cadeira.

– Venha cá, vou contar como isso tudo aconteceu. Sabe quem é o homem mais rico do mundo? Mais rico até do que Rockefeller? Abe Ryland.

– Aquele norte-americano, o rei do sabão?

– Exato. Uma das secretárias dele entrou em contato comigo. Tem uma coisa graúda, como se diz, uma fraude acontecendo relacionada a uma grande empresa no Rio. Ele queria que eu investigasse o assunto no local. Eu disse que não. Mandei dizer que, se os fatos fossem colocados à minha frente, eu daria minha opinião de especialista. Mas ele alegou ser incapaz de fazer isso. Eu só ficaria a par dos fatos ao chegar lá. Em situações normais, isso teria encerrado a questão. Querer impor condições para Hercule Poirot é impertinência pura. Mas a quantia ofertada era tão estupenda, que pela primeira vez na minha vida balancei pelo vil metal. Era mais que uma bolada... uma fortuna! Sem falar na segunda atração: você, meu caro. Nesse ano e meio que passou, me senti um velho solitário. Pensei comigo: por que não? Começo a ficar saturado dessa interminável obrigação de solucionar problemas tolos. Já alcancei fama suficiente. Vou aceitar esse dinheiro e me aquietar em algum lugar perto de meu velho amigo.

Fiquei profundamente emocionado com essa demonstração de estima vinda de Poirot.

– Então topei – continuou ele – e daqui a uma hora preciso pegar o trem para o porto. Uma dessas ironias da vida, não é? Mas eu vou lhe confessar, Hastings: se o dinheiro não fosse tanto, eu teria hesitado, pois

coincidentemente não faz muito que comecei uma investigação por minha conta. Me diga, o que quer dizer a expressão "Os Quatro Grandes"?

– Acho que se originou na Conferência de Versalhes. Depois surgiram as famosas "Quatro Grandes" do mundo cinematográfico. E o termo é usado também pela plebe.

– Percebo – disse Poirot, pensativo. – Sabe, deparei-me com essa expressão sob certas circunstâncias em que não se encaixa nenhuma dessas explicações. Parece se referir a uma quadrilha de criminosos internacionais ou algo do tipo. Mas...

– Mas o quê? – perguntei, notando sua hesitação.

– Mas algo me diz que se trata de uma escala maior. Só uma ideiazinha, nada mais. Bom, agora eu tenho que terminar as malas. O tempo voa.

– Não vá – pedi. – Cancele a passagem e vamos juntos no mesmo barco.

Poirot empertigou-se e fitou-me com olhos reprovadores.

– Ah, você não entende! Dei minha palavra, sabe... a palavra de Hercule Poirot. Só uma questão de vida ou morte pode me impedir de cumpri-la.

– Questão improvável de acontecer – murmurei desanimado. – A menos que "na décima primeira hora, a porta se abra e apareça o visitante inesperado".

Citei o velho provérbio com uma risada fraca. Seguiu-se uma pausa. Então, um barulho no quarto nos sobressaltou.

– O que será isto? – gritei.

– *Ma foi*! – retorquiu Poirot. – Parece que o tal "visitante inesperado" está no meu quarto.

– Mas como pode haver alguém ali? Para entrar no quarto é preciso passar por esta sala.

– Excelente memória, Hastings. Do que se deduz...

– A janela! Mas então é um assaltante? Deve ter feito uma escalada íngreme... quase impossível.

Levantei-me e andei a passos largos rumo à porta do quarto, quando o som de alguém experimentando a maçaneta do outro lado deteve-me.

A porta abriu-se devagar. Emoldurado no vão da porta, um homem imóvel. Sujo e enlameado da cabeça aos pés, o rosto fino e macilento. Encarou-nos por um instante, então cambaleou e desabou. Poirot correu para junto dele. O homem levantou o olhar e falou comigo.

– Conhaque... rápido.

Com rapidez servi e trouxe um cálice de conhaque. Poirot deu um jeito de fazê-lo beber um gole. Juntos, conseguimos erguê-lo e levá-lo ao sofá. Minutos depois, ele abriu as pálpebras e percorreu a sala com um olhar quase ausente.

– O que deseja, monsieur? – indagou Poirot.

O homem abriu os lábios e falou com uma voz mecânica e estranha:

– Monsieur Hercule Poirot, Farraway Street, 14.

– Sim, sim, ele mesmo.

O homem pareceu não ter entendido e limitou-se a repetir exatamente no mesmo tom:

– Monsieur Hercule Poirot, Farraway Street, 14.

Poirot testou-o com várias perguntas. Às vezes o homem não respondia nada, em outras repetia a mesma frase. Com um sinal, Poirot pediu-me para fazer uma ligação.

– Chame o dr. Ridgeway.

Para nossa sorte, o doutor estava em casa. Como a casa dele ficava logo dobrando a esquina, poucos minutos transcorreram até ele entrar apressado.

– Afinal, o que se passa?

Poirot deu uma rápida explicação, e o doutor começou a examinar nosso esquisito visitante, que parecia não se dar conta da presença do médico nem da nossa.

– Hum... – murmurou o dr. Ridgeway ao terminar. – Caso curioso.

– Febre cerebral? – sugeri.

O doutor prontamente bufou com desdém.

– Febre cerebral! Febre cerebral! Não existe esse tipo de coisa. Só na cabeça dos romancistas. Nada disso: o homem sofreu uma espécie de choque. Veio aqui impelido por uma ideia fixa: encontrar o monsieur Hercule Poirot, Farraway Street, 14... fica repetindo essas palavras mecanicamente sem ao menos pensar no significado.

– Afasia? – indaguei ansioso.

Esse palpite não provocou reação tão violenta quanto o anterior. Sem dizer nada, o doutor entregou lápis e papel ao homem.

– Vamos ver o que ele faz com isso – observou.

Durante um tempo, o homem não fez nada. Então, de súbito, começou a escrever febrilmente. Com a mesma rapidez, parou e deixou cair o papel e o lápis no chão. O doutor apanhou e meneou a cabeça.

– Nada feito. Só o número 4 rabiscado uma dúzia de vezes, cada algarismo maior do que o outro. Calculo que tente escrever Farraway Street, 14. É um caso intrigante... deveras intrigante. Seria possível mantê-lo aqui até hoje à tarde? Agora preciso passar no hospital, mas à tarde estou de volta e posso tomar todas as providências que o caso requer. É um caso muito interessante para se perder de vista.

Expliquei sobre a partida de Poirot e que eu me propusera a acompanhá-lo até Southampton.

– Tudo bem. Deixem o homem aqui. Ele não vai fazer nada de errado. Está completamente exausto. É bem provável que durma oito horas a fio. Vou pedir à nossa esplêndida sra. Cara-Engraçada para dar uma olhadinha nele.

E o dr. Ridgeway retirou-se com a celeridade de sempre. Poirot, por sua vez, terminou de arrumar as malas sem tirar o olho do relógio.

Agatha Christie

Os Quatro Grandes

Tradução de Henrique Guerra

www.lpm.com.br

L&PM POCKET